

Entrevista

MARCO LUCCHESI

Entrevista a Marco Lucchesi

Entrevista conduzida por
Cristiana Lucas Silva¹



Marco Lucchesi nasceu em 9 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro. Filho de Elena Dati e Egidio Lucchesi, vem desde criança a sua paixão pelo conhecimento e pela música. Domina mais de vinte idiomas. O seu sonho, desde menino, era comunicar com o mundo. Fez isso das mais diversas formas, ora por cartas, ora por outros meios de comunicação. Cumpru um de seus principais objetivos, entre tantos outros que poderiam ser citados: uma ampla distribuição de livros por todas as regiões do Brasil para a formação de bibliotecas. Assinou acordos que favoreceram a literatura e, consequentemente, a leitura, em especial nas comunidades mais desfavorecidas social e culturalmente no Brasil e no exterior. Presidiu à Academia Brasileira de Letras (2018-2021) e sua atividade foi muito além dos muros da instituição, pois estabeleceu parcerias e con-

¹ Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7687-9101>.

vénios que beneficiaram a comunicação necessária entre países do Ocidente e do Oriente. Atualmente é Presidente da Fundação Biblioteca Nacional localizada no Rio de Janeiro.

Professor titular na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e recebeu os títulos de Mestre e Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Fez um estágio de pós-doutoramento, Capes/Daad, no Petrarca Institut da Universidade de Colônia, Alemanha, centrando a sua pesquisa na filosofia do Renascimento. Investigador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi professor-visitante da Fiocruz, das universidades de Roma II, Tor Vergata, de Craiova, na Romênia, de Concepción, no Chile. Em 2016, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Tibiscus, de Timisoara, e, em 2020, o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Aurel Vlaicu de Arad.

O conjunto das suas obras tem sido objeto específico de investigação, tema de dissertações de mestrado e teses de doutoramento, de seminários e cursos de extensão em diversas universidades, redes municipais, estaduais e federais na formação contínua de professores

e investigadores, assim como conteúdo integrante, desde 2021, de matrizes curriculares nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, na área da Educação (mestrado e doutorado) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) de São Paulo.

Tratando-se de um escritor vivo e contemporâneo, a Fortuna Crítica de Marco Lucchesi é digna de ser destacada. Integram-na uma pluralidade de tipologias textuais, tais como livros, teses de doutoramento, dissertações de mestrado, ensaios experimentais, artigos académicos, recensões publicadas em jornais, revistas académicas e de divulgação e inúmeras coletâneas e livros com foco exclusivo no conjunto de obras do autor, como, por exemplo, *Marco Lucchesi: a estética do interdisciplinar*, *Marco Lucchesi: a estética do labirinto*, *Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto*.

Importa destacar a existência de um grupo de investigação com mais de 40 membros, denominado *Marco Lucchesi: Práticas das Transformações Silenciosas*, ligado ao CNPq (Brasil), cujo objetivo específico mais importante é, justamente, evidenciar a importância do escritor através de pesquisas teóricas e práticas. No grupo, colaboram professores e investigadores do Japão, China, Portugal e Espanha.

Possui uma trajetória de vida, em todos os sentidos, objetivamente incomum, rara e singular. Quando ainda era criança, quais eram os seus sonhos? O que o fascinava? Quais eram as suas principais indagações?

Respondo com um texto geral, sobre nuvens e farmácias. A metáfora dirá com maior força. Desenho a locação das nuvens, condensadas ao longo de zonas celestes, distantes para os olhos de agora e de ontem, que desde cedo me deslumbram. Minha infância incerta no mês de julho no Rio, com seus dias breves, feridos por uma espessa camada de melancolia, ainda mais sentida nos subúrbios da Leopoldina, sinuosa, como a linha de trem que avança nas entranhas fluminenses. Como alcançar as feridas da memória, que chego apenas a sentir, quase impalpável, dor que a tudo se mostra rebelde e insubmissa nos primeiros anos?

Sob o líquido coral de nuvens, passa um menino, perdido, com seu cãozinho branco nos quintais. Seus olhos fosfatados de inocência trazem largas parcelas de futuro, como se estivesse ao abrigo dos deuses ferozes do mundo, dentro de uma esfera de pura vertigem. Inventa e sonha a linha do horizonte. Talvez fosse incluir um canário amarelo, com a gaiola, na parte dos fundos da casa, na pequena e infinita varanda, um cachorrinho branco, saltitante. Uma casa verde, cheia de bichos como a Arca de Noé. No fim do mundo, posso apostar, “alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões” e verei todos os meus animais.

Uma narrativa ou memória sem quantidade, feita de sentimentos dispersos é quanto me resta. Mas, e se tudo não passa de mera intuição, vida provisória, potência que se afoga no vazio das palavras? Será apenas um salto no silêncio, a volta para a infância, algo que se nutre do nada em que se apoia e brilha, fugaz como um raio: sentimento que de súbito se exaure, na vida adulta, como num piscar de olhos?

Ao longe, e a muitos quintais de distância, reconheço uma farmácia. Não lembro como se chamava, onde se lia, em letras redondas, na vitrine, «agradecemos a preferência, volte sempre». Tão obscura me parece a relação do menino com as nuvens e os remédios da farmácia. Um fio da memória esgarçado em muitos pontos que deviam, mas não sabem, fazer um único nó. Porque, a essa altura, o cachorro branco fugiu da coleira e perdeu-se. O menino deixou o quintal em busca de outros, mais incertos. A farmácia baixou as portas e não sei onde buscar novos remédios. Como dizer uma história sem progressão? Fechada para o mundo como se a névoa lhe impedisse o passado.

Essa rememoração tem algo do canário que a tanto mundo não se atreve. Para Kafka, uma gaiola saiu para buscar um pássaro. Amarelo talvez, como aquele do menino, cujo canto dissipou-se na partitura dos dias. Indago tão-somente a densidade das nuvens e a rarefação da história, que se passa no mês de julho, nos subúrbios do Rio e que reúne, sem motivos

claros, a infância de um menino, o quintal onde armou alguns sonhos e as portas baixas da farmácia.

Um físico pergunta: Por que não nos lembramos do que fizemos no futuro?

2. Um domínio incomum de línguas faz parte da sua trajetória: mais de vinte idiomas e ainda inventou a língua laputar. Poderia falar sobre isso?

Posso dizer, como Nélida Piñon, que sou um brasileiro recente. Nasci anfíbio. Tenho duas línguas e dois corações. Metade adesão. Metade abandono. Trégua feroz. E surda guerra. Um solo a duas vozes. O violino e o contrabaixo. E já não sei qual dessas vozes melhor me pronuncia. Um verso de Luzi e outro de Drummond. O Maracatu de Mignone e os crisântemos de Puccini. Duas pátrias e duas línguas.

A primeira veio dos olhos castanho-claros de minha mãe, onde sorvi a língua toscana: a melodia sinuosa das colinas que impedem que os de Lucca vejam os de Pisa, como disse Dante; o aroma puríssimo do azeite das terras de Massarosa e o céu em chamas, à beira do crepúsculo; verbos e palavras antigas, como *acquaio, augello, polla*, que se entrelaçam com a vegetação do lago de Massaciuccoli; a altura das vogais, como a da torre da igreja de Pieve a Elici, onde me perco num sonho de ascensão. Minha memória absorve passagens da *Divina comédia*, como a de Paolo e Francesca:

«Quando leggemmo il disiato riso
esser baciato da cotanto amante,
questi, che mai da me non fia diviso,
la bocca mi basciò tutto tremante.
Galeotto fu 'l libro e chi lo scrisse:
quel giorno più non vi leggemmo avante.
Mentre che l'uno spirto questo disse,
l'altro piangëa; sì che di pietade
io venni men così com' io morisse.
E caddi come corpo morto cade.»

A outra língua é a portuguesa, a que aprendi a amar duas vezes, como brasileiro e filho de italianos. Língua de matriz antiga, de ínvios mares e sertões bravios, do *Esmeraldo de situ orbis*; subúrbios da Leopoldina e praias antigas, como Icaraí, Adão e Eva, Jurujuba; língua de nações indígenas e africanas; língua de Vieira, contra as armas de Holanda; do magma de Guimarães Rosa; das tempestades que varrem a obra de Clarice; do abismo em que flutua o delírio de Brás Cubas. Todos repercutem em meu destino de escritor. Como esquecer, afinal, a insuperável lição de Tétis? :

«Vês aqui a grande Máquina do Mundo,
etérea e elemental, que fabricada
assi foi do Saber, alto e profundo,
que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
globo e sua superfície tão limada,
Deus: mas o que é Deus ninguém o entende,
que a tanto o engenho humano não se estende.»

São estes os fantasmas que habitam minha nau peregrina. Vivo um atlântico de extremos.

Naufrágio e calma. Destino e perdição. Qualquer coisa de intermédio que vai de mim para o outro. Da máquina do mundo ao amor de Francesca. Onde essa paixão visceral por Dante e Camões. Sou como um duplo cercado de espelhos. Imagem perdida na Ilha dos Amores ou nas praias do Purgatório. Vasco e Virgílio. Afinal, *amor meus, pondus meum*. Meu amor é meu peso, como lemos nas Confissões. E quanto a mim, não tenho outra saída senão a de multiplicar por dois minha densidade rarefeita.

Depois vieram mais de vinte, até mais, contando as que estudei. Um pouco também das línguas indígenas do Brasil. Importa sobretudo o «dia-
leto das prisões», quando vou ao cárcere. O
nheengatu, quando me fiz curador da tradução
da Constituição brasileira pela primeira vez
para uma língua dos povos originários. A língua
secreta que me ensinaram em casa, lúdica, e o
laputar que inventei. Longa conversa...

3. Vimos que a música, as artes visuais, a filosofia, as ciências e outras áreas do conhecimento integram, direta ou indiretamente, o seu conjunto de obras e a sua atuação na prática. Como se dá tal processo? Como consegue gerir tudo isso?

Aqui é uma bela pergunta, tento fugir dela falando, a partir do diálogo (meu, interno) sobre Aquiles e a Tartaruga. Não saberia de que lado começar a reunião dos pedaços capazes de comporem uma pequena parte da antologia que me constitui. Confesso de imediato que me dissipo nas coisas que congrego. Sou mais pródigo que avaro, ou seja, menos inclinado à

estrela que às fauces do caos. Se conseguisse inverter a frase (eu me congrego nas coisas que dissipo), poderia elaborar sem hesitação um resumo do que sou, para me defender um dia no tribunal de Osíris.

Seja como for: tenho um metro e setenta e cinco e não alcanço de todo o abismo do presente. Pouco menos de oitenta quilos – sem o peso dos sonhos –, uso óculos de grau e me pareço com minha mãe. Não sou guarda de museu e nem tampouco adicto do futuro: eu me reinvento, a dialogar com o ontem e o amanhã, preso no intangível agora, a cuja fonte acorrem sedentos meus lábios. Sou filho do ainda não, amo a soledade e seus primeiros raios: o silêncio e a distância. Procurei desertos de pedra e areia, de onde saí com alguns poemas e uma forte pneumonia.

Amo as formas breves, mas não desprezo a lógica do excesso. Guardo o rebanho dos livros, que alcanço nos idiomas dos quatro continentes. Hoje são mais de vinte. Mas, se não falo a língua dos lobos, aprendo alguma coisa nos latidos de minha idosa pastora, Carina. Já a linguagem dos pássaros, percebem-na apenas Attar e Francisco de Assis. Sonho com a Torre de Babel e suas escadas intermináveis. Subo e desço aqueles degraus com assombro e destemor. Até meus vinte anos, eu era imbatível nos cem metros rasos. Hoje detesto correr e sofro o assédio de vinte mil volumes da biblioteca. Caminho e pratico exercícios físicos, raramente sintáticos, sobretudo semânticos. Comecei a estudar o devanagari e o tupi an-

tigo, porque amo o estado transitivo, a ponte «que vai de mim para o Outro».

Fui aos campos de Sabra e Shatila, de olhos marejados pela dor, tal como nas prisões visitadas do Rio de Janeiro. Temos um pacto: não pergunto aos detentos o que fizeram, nem eles procuram saber o que fiz. Subi a Juazeiro do Norte com os romeiros do padre Cícero e desci a Canudos de Antônio Conselheiro, submersa nas águas do remorso.

Moro em Niterói. Ou talvez não: Niterói mora em mim, cidade que conjugo na primeira pessoa, espinha dorsal de uma infância permanente. Seu nome pode significar água escondida – em cujo líquido seio proponho uma pequena distância diante do mundo (não de meus conflitos). Moro entre Icaraí e Itacoatiara. Habito nomes indígenas e as obras bárbaras de Dante, Nietzsche e João da Cruz.

Nasci bilíngue e traduzo poesia desde a adolescência. Amo a fé religiosa do povo e ando inquieto com o desaparecimento de Paolo dall'Oglio, ao tentar, ardido e solitário, a paz na Síria. Nutri a esperança de que voltaria: penso nas crianças de Damasco e na mesquita de al-Ualid.

Viajo pelo mundo. O meu erário é farto de nomes e rostos. Não gosto de atrasos e aparo as arestas de meu furor com as árias de Bellini e as sonatas de Scarlatti. Meu oxigênio é a música – estudei piano e canto e mais que *nulla dies sine linea* estou para *nulla dies sine*

musica. Estudei Mozart e Debussy, assim como os olhos de minha mãe, que me levaram ao piano, olhos castanho-claros, quando eu ainda não duvidava da língua dos homens e do silêncio de Deus. Sei de cor algumas linhas de Machado e os olhos de ressaca de Capitu. Nasci em Copacabana, ao passo que Escobar desnasceu em Botafogo.

Se tirassem o mar de minha vida, não saberia realizar a história a que pertenço. O sal começou a queimar os meus lábios desde jovem. Tenho a pressão controlada. Amo Camões pelo vigor sensual de suas oitavas, onde não faltam aromas e uma farta salinidade. Por isso, bebo com cuidado o licor da Ilha dos Amores, com o iodo de sua alta poesia. Tudo que sei veio dos livros e do mar: potências inacabadas, ondas e páginas. O mar e a biblioteca constituem uma superfície viva, feroz e incerta, cobrindo furnas e abismos. Sofro as ressacas e os tufoes da história trágico-marítima, e combato o vulcão negro, apontado por Duarte Pacheco no *Esmeraldo*. Cheguei a 80 mil volumes. Hoje: um cardume disperso.

Eis a feroz desmedida dessas águas.

Fui matriculado na escola dos ventos, num pélagos de tempestades, com ondas atrevidas, longe de um mar exangue, varrido por uma exaustão milenar. Aos três anos de idade, quase me afogo na praia, mas não largo um só instante meus brinquedos. Hoje cruza a Baía de Guanabara e vejo os fortes portugueses e as

igrejas, que tanto me fascinam. Acendo o meu toscano, quando sintonizo as rádios Jorge de Lima e Fernando Pessoa. Sou amigo do padre Vieira e protejo, na medida de minhas forças, as armas de Portugal contra as de Holanda. Fui hóspede no Palácio da Fronteira, bolsista do Instituto Camões, e com Fernando Mascarenhas bebemos à saúde de nosso amigo Cesário Verde.

Minha mãe foi revestida com o delicado apelido de Elena, como as meninas de seu tempo, ao passo que meu pai se chamou Egidio. No dia dos santos Cosme e Damião eu me deliciava com os saquinhos de cocada, mariola e maria-mole.

E o branco dos lençóis quarando no varal eram como navios que faziam aguada na terra de meus verdes anos. *Birbante!*, gritava minha avó, a bordo de um navio-lençol, atrás do neto-corsário que puxava as roupas do varal. *Birbante!*, que eu entendia como sendo *barbante*, preso nos laços do amor, expondo meu peito a sobressaltos, em guerras de alecrim e manjerona.

Mas houve outra guerra, a Segunda, bem mais devastadora. A casa de meus avós hospedou o alto comando da FEB, a força expedicionária brasileira. Foi quando libertaram a cidade de Massarosa do exército alemão. Gostaria de escrever um dia essas histórias. Só então poderei dizer que volto a um passado que corre nas minhas veias e distribui meu quinhão de esperança e melancolia. Volto como quem

sabe que a partida parece um apelo de fogo e carne exposta, agulhas e mortes, que atravessam o fígado e a alma, havendo ambos em mim. Volto, como quem volta de um infinito abandono, como quem espera uma acolhida de braços abertos e os raios do perdão ao filho pródigo do futuro. Volto como quem volta, em mil pedaços, devorado por feras, que me dissipam justo quando me congrego, sob a luz do caos e da estrela.

Todos os meus vêm da toscana e me tornei o primeiro brasileiro. Meus pais e minha avó materna, Quintilia, foram acolhidos na Terra de Santa Cruz e hoje descansam poucos metros abaixo deste solo, mátria amada, Brasil.

Dos onze aos dezessete anos estudei no Salesianos de Santa Rosa. Lembro-me de padre Marcelo Martiniano, movendo os onze mil tubos do órgão na fuga de Bach, como se a igreja fosse um imenso navio, lutando para não ser devorado pelas sonoridades abissais. Sofri nas garras da matemática, que então me parecia um tigre feroz. Vencido o medo, hoje dou aulas sobre poesia e matemática. Uso um telescópio de 200 mm x 1000 mm para atingir a nebulosa da Lagoa, a Trífida e a M 55. Comecei a escrever romances nos últimos três anos, desde que deixei a Biblioteca Nacional, motivado pelos motores ficcionais da história. Sou professor de literatura comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro e gostaria de pedalar quilômetros a fio, num horizonte inacabado, como um Giorgio De Chirico, em-

bora eu não tenha bicicleta. Canso-me de dirigir no trânsito do Rio e meu time de futebol é o Flamengo. Sem exageros. Não vou ao Maracanã desde os anos 1990.

Quando era menino via o futuro pouco atrás de mim, com passos curtos e tímidos, como a tartaruga de Aquiles. Hoje sou eu que já não posso alcançá-lo. A tartaruga me ultrapassou e continuo a resistir contra o pensamento único, as guerras de religião e os males do Império. E se o futuro não termina, minha autobiografia segue necessariamente incompleta.

4. Marco Lucchesi é um escritor que se destaca, entre outras coisas que poderiam ser mencionadas, pela pluralidade de temas que aborda. No entanto, ao lermos as suas obras, como, por exemplo, *Domínios da Insônia*, que reúne a maior parte de seus poemas, *Paisagem Lunar*, que reúne parte de seus diários filosóficos, os seus romances *O Bibliotecário do Imperador*, *O Dom do Crime*, *Adeus, Pirandello* e a novela *Marina*, observa-se claramente que todas as suas tipologias textuais são regidas por uma profunda e inconfundível poética que se alia, naturalmente, a uma erudição incomum. A poesia atravessa com soberania as suas obras. Mesmo nas entrevistas. Pergunta-se: o que significa a poesia para si? O que significa «organizar-se poeticamente», como declara numa das suas entrevistas?

Todo um apelo irreversível da linguagem. O poeta não sabe aonde vai, quando inicia. Vive de uma demanda líquida, escondida. Ignora o curso das palavras a jusante, atônito, nos rumos da composição. Segundo Brodski, o poeta vai

mais longe de quanto havia pensado: é nesse ponto «que o futuro da linguagem invade seu presente». E, de imediato, ele «consegue encontrar-se onde ninguém esteve, onde ele próprio, talvez, não gostaria de estar». Uma espécie de aceleração da linguagem. Mais de cem vezes escrevi *saudades do futuro*. Os versos antecipam-no. E se não fosse a poesia, a quadra atual seria irrespirável. Um tempo inimigo de poetas. Não é pequena coisa rebelar-se. Imaginar o avesso do presente e dar ao imaginário foros de cidadania. Um estatuto de emancipação. Caminho solidário. A poesia é núcleo de inquietação e liberdade. Comunhão de vida e pensamento: o que podia ter sido e o ainda-não. A poesia reclama o direito de sonhar. Busca dizer que estamos vivos, se já não desistimos do futuro. A poesia é máquina do tempo: de Homero a um verso de 2080 d.C. A poesia é irmã gêmea do saber. Sonda o que não sabe. Generosa, ignora as leis do mercado. Altiva e mercurial. Passam os bárbaros. Morrem os impérios. E a poesia não perde a sua antiga juventude.

5. Dante e Camões. Como lê-los à luz da contemporaneidade? São tantos os caminhos. Como se posiciona? O que poderia dizer-nos?

Creio que de Dante tenha falado tantas vezes. Dele e de Camões organizamos suas mostras comemorativas. Recentemente com o chanceler de Portugal, Paulo Rangel. Sobre as celebrações camonianas da Biblioteca Nacional, realizadas desde 1880, todas perseguem um

viés inabalável: Camões não para de crescer. Um compromisso inegociável de expansão, que não distingue tempo e latitude. Apenas o recorte temporal, certos cortes ideológicos, variantes textuais. Toda uma estética da recepção. Nenhum fantasma cessa de aumentar, enquanto a poesia segue ativa e soberana, aberta, inspiradora. Assim, impõe-se a cada mostra, a vertigem da lista, a coleção dos livros que abordam Camões, para medir seu processo vital, seus renovados estudos, a lealdade dos leitores.

Olhar severo e generoso, voltado a seus escritos – a um só tempo frio e apaixonado, meticuloso e radical, simbólico e literal, centrado e disperso, nos limites da história e não somente, na superfície e em meio às entrelinhas. Camões passou a metáfora, livre e autônoma. E realiza, a partir dela, uma leitura de Brasil: da língua que se escreve sobre o mar, do canto que se espraia no sertão, entre florestas e alagados. Tão vivo e próximo do imaginário brasileiro. Nossa camoniana dará, muito em breve, seu testemunho.

As palavras de Jorge de Sena, pronunciadas na cidade da Guarda, em 1977, não perderam seu frescor, em torno da figura de Camões: «Leiam-no e amem-no: na sua epopeia, nas suas líricas, no seu teatro tão importante, nas suas cartas tão descaradamente divertidas. E lendo-o e amando-o, aprendereis a conhecer quem sois aqui e no largo mundo, agora e sempre, e com os olhos postos na claridade

deslumbrante da liberdade e da justiça». Compromisso de leitura. Sentimento do mundo. Esse, o Camões que lemos e nos lê. Tão coletivo. E singular. A exposição de 2024 tem como centro o setor de obras raras, onipresente nas mostras que nos precederam, a começar pela edição de Antônio Gonçalves, assim como a dos Piscos, das *Rhythmas*, dentre outras.

Um breve aceno ao epos do Brasil colônia, entre elogio e imitação, a par dos fascinantes mapas quinhentistas: *Americae sive novi orbis*, de Ortelius, e *Olissipo quase nunc Lisboa*, de Braun, como a ligar nossos países, por mal-traçadas-linhas venturosas.

Segue-se, «mais brasileiro», Camões, entre o cordel e a arte contemporânea. Destaque ao prêmio que leva o seu nome, criado em 1988, no campo da literatura e da cultura da paz, que é parte da missão da Biblioteca Nacional. Finalmente, o desenho da mostra dentro da mostra, narrativa em abismo, das comemorações camonianas da FBN. Resgate necessário, de um tônus epocal, de um Aleph infinito, na geometria de nossas prateleiras.

Uma esfera de ambiguidades. Um pacto conversível. Leituras de Camões e do Brasil, enquanto duplos entre si. Como disse Eduardo Lourenço, em *O labirinto da saudade*, o poema parece viver acima de nós, independente, como se fosse o deus aristotélico. Nada mais ilusório, todavia: «Os Lusíadas incorporam-se à substância cultural e espiritual de nossa

existência, vivem dela como nós viveremos deles e também de algum modo com ela vão mudando de figura e significação, sem perderem o caráter de espelho».

Consideremos o microcosmos da Biblioteca, buscando essa história especular, a partir de alguns dirigentes. Ramiz Galvão (1872-1884) define o gênio de Camões, segundo uma retórica de luz e sombra, segundo da decadência em voga, combinada com a solidão romântica do gênio: «deu o último, embora sublime, canto do século de Dom Manuel: mas, logo que expirou o poeta, como a lâmpada que bruxuleia e morre, também caiu a musa da Poesia nesse sono profundo, em que, quase se pode dizer, dormitou dois séculos. Só Camões, porque era um gênio, tinha podido levantar tão alto a voz da tuba épica, quando já declinava o sol da literatura para o seu ocaso.»

Por outro lado, o Cônego Januário da Cunha Barbosa (1844-1846) e Affonso Romano de Sant'Anna (1991-1996), em que pese a distância que os separa, acercam-se de Camões, no coração da poesia, entre adesão e imitação, hipérbole e paródia, de O lado esquerdo de meu peito a Niterói, metamorfose do Rio. Nas páginas de O Ateneu, Raul Pompéia (1894-18955) condena com veemência a análise sintática da obra camoniana, que dizimou tantos leitores, aqui, como também em Portugal: «*tomava* cada período, cada oração, altamente, com o ademã sisudo do anatomista: sujeito, verbo, complementos, orações subordinadas;

depois o significado, zás! um corte de escalpelo, e a frase rolava morta, repugnante, desentranhando-se em podridões infectas.»

Mais sereno, e a partir da oficina da linguagem, Celso Cunha (1956-1959) definiu com brilhantismo o papel de Camões: não exatamente como inventor, mas como avalista da unidade da língua, não só no manejo de formas latinas e arcaicas, neologismos, conceitos de Petrarca, mas no corte da frase e do verso, na dicção modelar, épica ou lírica, num horizonte claro de potências. Poderia aduzir outros nomes, como os de Josué Montello, Plínio Doyle, Rodolfo Garcia, Ronaldo Menegaz, cada qual com sua leitura, erudita e apaixonada, da história e da poesia, para chegar a Camões. Lembro de Eduardo Portella, (1996-2003), a tratar de engenho e arte, de um oriente profundo entre Brasil e Portugal, ou mais claramente entre Vieira e Camões.

É preciso escrever a história de Camões na Biblioteca Nacional, tão eloquente em suas coleções, bem menos frequentada em seus anais. Como disse Rita Marnoto, em discurso recente na Universidade de Coimbra, sobre o gênio de Camões e as navegações: «viagens trágicas de negreiros, de tráfico humano e de corso, de deportação e de sofrimento, viagens de morabeza e de saudade, em que a chegada nunca corta as amarras da partida.»

Nesse mundo complexo e admirável nos movemos. Da poesia enquanto antídoto da His-

tória. E de uma língua escrita sobre o mar, aberta sempre mais às vozes de outras línguas, a conjugar o mundo e a diferença.

6. Na experiência da sua presidência da Academia Brasileira de Letras, entre 2018-2021, e, atualmente, como presidente da Fundação Biblioteca Nacional, quais foram e são os seus maiores desafios?

Sempre microdiplomacia, a partir da cultura. No dia 18 de julho tivemos a visita do presidente da Itália à Biblioteca Nacional. Um momento importante. Sobre a Academia Brasileira, no último ano de mandato eu me referi a quatro anos de resiliência. E de trincheira contra a barbárie. Vivemos uma crise sem precedentes, na política e na economia, agravada com o combate *sui generis* ao coronavírus. Nenhuma guerra aqui ceifou mais de 600 mil vidas. Nenhuma conduziu 125 milhões de brasileiros ao estado de insegurança alimentar. Voltamos ao mapa da fome. Como não pensar em Lima Barreto? A Diretoria do quadriênio tomou medidas urgentes. Implantamos o redesenho administrativo para tornar a ABL mais sustentável, mediante formas responsivas e adequadas. A Casa de Machado recuperou a saúde. Interrompemos os encontros presenciais por quase dois anos. Protegemos acadêmicos e funcionários durante a pandemia com atividades telemáticas. Fechamos as portas, mas abrimos as janelas virtuais. Defendemos medidas científicas e cuidados não farmacológicos, enquanto a vacinação seguia lenta e

incerta. Incluímos, quando possível, um livro na cesta básica; e outro, na assistência médica. Não faltaram campanhas no site sobre o coronavírus. Combatemos a censura, a taxação dos livros, a cultura do ódio e outros tantos desvarios. Mas não todos, para não promover os estultos.

A modalidade virtual ampliou nossa missão, exaustivamente descrita em relatórios anteriores. Em 2021, ofertamos uma nova edição do VOLP, assim como os primeiros verbetes do futuro Dicionário da Academia. Digitalizamos 50 mil itens do Arquivo, demos acesso no site à Museologia. Após uma década, reabrimos a Livraria Acadêmica e a Galeria Manuel Bandeira. Procedemos ao inventário de nossas bibliotecas, que não se realizava desde 1994. As publicações da Casa não sofreram solução de continuidade.

A ABL acercou-se de suas congêneres no mundo, com uma série de protocolos, palestras e seminários, com as academias de ciências da Rússia e Israel, Alemanha e Paquistão, Europa Ocidental e América do Sul. Além do congresso das academias do G20, realizamos o encontro com a Biblioteca do Vaticano. O quadriênio foi marcado pela visita recorrente a aldeias, quilombos, favelas, prisões e hospitais. Se as lideranças indígenas participaram de seminários na ABL, a presidência foi a Belém, a Manaus, ao coração do Amazonas, em viagem de lancha e helicóptero da Marinha, segundo acordos firmados. Inesquecível

a visita à comunidade do Jacarezinho no Rio de Janeiro. Haveria muito a dizer. Mas a brevidade é moeda corrente na despedida. Amparada, ou magnificada, pela urgência dos tempos que correm. Fizemos o possível. E tangenciamos o impensável. Abreviemos o parágrafo para não sucumbir à autocomplacência.

Saímos com o sentimento do bom combate, marcados, muito embora, pela pandemia, com fome de esperança. Não perdemos o princípio Álvaro Moreira, sobejamente conhecido para ser apenas mencionado. Saudades do futuro e do Brasil. Saudades do piano que Celso Lafer doou à ABL, companheiro da presidência para domar os dias ásperos e solitários. Na república das letras, a poesia venceu a pandemia.

Sobre a Fundação Biblioteca Nacional, a instituição que mais amo no país, nela trabalhamos com tamanha intensidade. Acordos com Vaticano e Cuba, diálogo com Portugal, entramos na CPLP como observadores, ampliamos nossa relação com as bibliotecas nacionais dos Países Baixos, acordos de intercâmbio com a Marinha, que leva nossos livros para o mundo inteiro, abrimos uma extensão avançada da Biblioteca Nacional na Antártica e uma soma importantíssima para acelerar as obras do anexo. Haveria muito a dizer, mas a primeira parte da resposta foi muito extensa. Basta ver o site da Biblioteca para ver como e quanto trabalhamos.

7. Como conseguiu e consegue conciliar cargos tão exigentes, sob todos os pontos de vista, com a sua produção literária? Vimos que nunca parou de escrever e de traduzir diversos autores, contemporâneos ou não. Enfim, a sua produção literária não para. Novela, romances, poesia, e mais recentemente *Pedra Riscada*, livro inédito de ensaios, pela editora portuguesa Edições Esgotadas, publicada agora em 2024. Parece longa a sua relação com Portugal!

Sim. Sim. Em todos os sentidos. Alegria de ter sido musicado pelo compositor português Fernando Lapa, um mestre e tanto. Visitei no Vaticano o poeta, amigo e cardeal José Tolentino de Mendonça. Conheci Abelaira e Antonio Ramos Rosa. Amigo de Guilherme de Oliveira Martins. Bolseiro do Camões, em 1995, vivi um tempo no Palácio da Fronteira, com o marquês Fernando Mascarenhas, que devorava e degustava a poesia, os Jerônimos, e meu olhar atento a dom Sebastião, que me fez escrever o livro de poemas *Clio*. Dividi mesas com Vasco Graça Moura, conheci Nuno Júdice, assinei por certo período uma coluna no *Jornal de Letras*, intitulada *Rumor de Fundo*.

Do sonho dos poetas de Portugal vivi décadas a fio, junto às fortalezas lusitanas da Guanabara. Atalaias que vigiam o tesouro dessa língua que me precede e arrebatava. Desde a antiga pronúncia das vogais manuelinas. Assim, e desde o início, tomei o partido de Vieira na carta ao Bispo do Japão, porque um dia dom

João IV há de ressuscitar; teci longas, diuturnas conversações com Cesário e Florbela. E como Sá-Carneiro, ando perdido entre o que sou e uma intangível alteridade, a salvo, apenas, porque multiplicado na heteronímia de Pessoa, em cujo espelho se dissolvem meus cuidados. Quantas luas contei nas águas, plácidas e altivas, densas e bravias, de Camões, antes de abordar a máquina do mundo «etérea e elemental». Morro-me quando procuro Antero, entre nuvens e relógios, com seu inacabado

pôr do sol; e, com igual intensidade, remo na noite escura de Al Berto, furiosa e, no entanto, quebradiça, tamanha a sua beleza imponderável. Não me afasto um centímetro da matemática de Gedeão e vou cercado pelo magma de Herberto Helder, cuja atividade vulcânica seguirá por muito séculos. Embora a lista não termine, invoco a latência do sebastianismo, nas areias do Marrocos ou nas lonjuras da Etiópia, onde me movo, com Francisco Alvares, rumo aos tesouros do Preste João.